

FICHA TÉCNICA

facebook.com/manuscritoeditora

© 2018

Direitos reservados para Letras & Diálogos,
uma empresa Editorial Presença,
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 BARCARENA

Título original: *Não Respire*

Autor: *Pedro Rolo Duarte*

Copyright © *Pedro Rolo Duarte*, 2018

Copyright © Letras & Diálogos, Lisboa, 2018

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Fotografia do autor: *Tiago Figueiredo*

Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

ISBN: 978-989-8871-50-3

Depósito legal n.º 440 329/18

1.ª edição, Lisboa, Maio, 2018

O autor escreve de acordo com a antiga ortografia.

Prefácio

A VOLTA AO MUNDO, AQUI

Meu querido António Maria:

Há muitas razões que podem levar alguém a escrever e publicar um livro, da pura e simples vaidade ao desejo (ou necessidade) de arredondar, por cima, a conta bancária. Acredito que, no caso presente, que assinala a reaproximação do teu pai a esta escrita, depois de dez anos de amuo ou desilusão — no caso dele, como sabemos, não se aplica a hipótese do «bloqueio», tantas e tão boas são as ideias que gera, quase ao minuto —, os motivos são bem diversos. Fica-me a sensação, pelo mergulho em diferentes momentos e pela prática de múltiplos registos, ligados a distintos aspectos de uma vida sem tempos mortos, de que há por aqui um acerto de contas (nota: não escrevi «ajuste», que a base de trabalho não foi a desforra nem a vingança, por mais que alguma delas fosse um apetite legítimo) com um percurso que, não sendo imaculado (quem julgar ser dono de um assim, nos dias que vivemos, que atire a primeira pedra...), é categórico, fascinante e invejável. Por outras palavras, arrisco-me a pensar que, em primeira instância, as páginas que se seguem fazem de ti um alvo privilegiado. Porque, mesmo sabendo-se a relação próxima que os dois mantêm, continuo fiel ao princípio de que um livro tem um peso, um alcance, um propósito de «fixação» sem rival à altura, sobretudo numa época em que a palavra se vulgarizou e uma expressão antiga, a «palavra de honra», até saiu dos códigos do quotidiano. Mas isso são outras histórias...

Creio que passas a dispor, com este livro, de um testemunho — nunca de um testamento. Por mais estaladas e rasteiras que nos inflijam, o teu pai e eu, teimosos e sonhadores, reservamos sempre um quintalzinho para semear a esperança de que o melhor está para vir. Pouco importa se os episódios são mais pessoais (a intimidade é outra coisa) ou se os capítulos são mais públicos: cada um deles contribui para revelar, de forma global e integrada, uma personalidade que fez a diferença, maior ou menor, no caminho daquelas com que se foi cruzando. Na minha, nem

seria preciso dizer-to outra vez, fez toda: é o meu melhor amigo, deu-me oportunidade de profissionalmente enfrentar alguns dos meus melhores momentos (e nem me atrevo a dizer que o *Hotel Babilónia* é a cereja porque quero crer que o bolo ainda não chegou sequer perto do fim), nunca regateou a amizade que, como as mais verdadeiras, as perenes, conheceu uma fase mais presencial e aparentemente mais intensa, para hoje se reconduzir ao conforto de estar certo de que ele está e estará sempre lá para mim — e vice-versa —, mesmo a trezentos e tal quilómetros de distância. Mas o mais espantoso, António Maria, está nisto: contadas com limpeza, sem sobrecargas emocionais nem sobressaltos entre arrogâncias e modéstias, todas estas situações transcendem o aspecto confessional para se transformarem em pequenas, médias ou grandes lições que certamente aproveitarão a quem quiser partilhá-las. Ao ponto de justificar algo que, na verdade, é uma fantasia: se eu não conhecesse o teu pai, queria muito chegar à fala com ele, depois de ler o que ele quis contar.

Acontece que o conheço desde o Verão de 1982, por mais surrealista que essa data pré-histórica te possa parecer. Cruzámo-nos, por algum acaso feliz, num restaurante chinês da Avenida da Igreja. Eu, então muito mais velho do que ele, estava com uma namorada. Ele estava com o teu avô, que merecias ter conhecido, pelo humor fino, pelo conhecimento profundo, pela afabilidade generosa, e com a tua avó, tão decisiva na minha própria estrada que justificaria uma conversa autónoma. Depois disso, estivemos juntos e próximos e cúmplices ao ponto de nos inventarem um romance (digamos assim) um com o outro. Ele levou-me várias vezes ao refúgio do Penedo. Vimos concertos em Madrid, passeámos em Dublin, jantámos em Paris. Esteve nos meus três-casamentos-três, sendo «totalista» a par do meu pai, e abençoou a chegada (ou o regresso) da Kaky — há, de resto, um atento e decisivo telefonema, dele, para eu me chegar à frente e partir à conquista da felicidade. Foste o recém-nascido mais «recente» que vi até hoje. Tive inveja dele por tua causa, mas passou depressa. E, permite-me as peneiras, ainda agora penso que ele cedeu mais facilmente no teu baptismo porque o padrinho era eu. Sei como ele cresceu, à medida do que tu ias crescendo. Aqui chegados, nem vale a pena contar-te algo que já percebeste, quanto ao papel fulcral que ocupas nesta vida que não precisa de se reclamar exemplar para ser um exemplo.

Neste livro, o teu pai poderia ter ido mais longe — mas não quis. Por uma questão de elegância, por preferir esgrimir a nobreza que há naquilo

que pode parecer banal ou corriqueiro, mas não é. Às vezes, o mais complicado é mesmo ser simples, pelo que isso implica de autenticidade, de equilíbrio, de despojamento. Tudo isso vai passando por aqui, por algo que soa ao fecho de um ciclo. O que implica, naturalmente, que se esteja já a abrir outro. Por mim, tentarei estar pronto para ele, para mais uma vez seguir a sua liderança, a do meu brilhante amigo Pedro. Mesmo que tenha chegado a temporada de parecermos os velhos d'*Os Marretas*, uma série que, não sendo do teu tempo «útil», é eterna. Tanto quanto esta ligação que nos une. À falta de melhor, fecho com uma citação de Miguel Torga (olha a provocação: era uma figura detestada pelo escritor favorito do teu pai, Vergílio Ferreira) que resume, em rigor, o que me vale esta amizade ímpar: «Ando, dou a volta ao mundo, mas acabo por vir dormir aqui.»

Segue um abraço... Não: dada a circunstância, acho que vai mesmo um beijo do

João Govern, Setembro de 2017

Curta explicação

Há palavras que se tornam estigmas, condenações, tabuletas na testa de quem subitamente é forçado a viver com elas. Mais de 30 anos de jornalismo, a conviver todos os dias com palavras e os seus significados, podem ainda assim deixar de fora esta ideia, na premissa de que as palavras são todas iguais, saem direitinhas no ecrã do computador, e mais perfeitas ainda na impressão do jornal ou na paginação fria do *tablet*. Não são e essa foi a primeira surpresa que tive.

Um dia acordei com uma palavra mais na vida, e falei dela com os mais próximos como se fosse apenas uma palavra mais. Rapidamente a ilusão desapareceu — como se, na verdade, alguma vez tivesse existido.

Um poema não tem vida própria? Tem.

Uma carta de amor não é um coração vivo, que bate e se sente? Claro que sim.

Porém, como fiz das palavras profissão, nunca deixei que me escapassem da mão. Brinquei, joguei com elas, até as enganei — mas jamais permiti que se libertassem, como um filho aos 18 anos, ou que me dessem problemas, como um adolescente tonto. Fui-lhes fiel e leal — e exigi-lhes o mesmo.

Cumpriram. Até agora. Até ao dia em que uma palavra me deixou, a um tempo, carimbado, abalado e quase triste. Reconheço: acarinhado, também. Tudo ao mesmo tempo.

A palavra: cancro.

Quase triste: estou vivo e sinto-me bem.

Foi quando vi este livro crescer dentro e fora de mim.

Nasceu sozinho. Autónomo. Quase sem filtro. Cresceu comigo a tentar contê-lo, sem sucesso. E agora, que lhe escrevo uma introdução, releio-o e reconheço-me nele. Sou eu, para o melhor e para o pior. Uns dias com medo, outros indiferente. Sou eu. Caótico e desordenado, como já era e mais fiquei nestes meses de confronto e conforto, de choque e encontro. Ganhei balanço numa crónica de Miguel Esteves Cardoso: «Vou falar sobre mim para não vos maçar com o que é importante.»

Não esperem uma biografia «autorizada», nem um relatório de «perdas e danos», como escreveu o poeta e compositor Vítor Martins.

Esperem, quando muito, bocados soltos de uma vida comum. A própria estrutura, que naturalmente se foi criando, e atrás da qual fui, se desprende, prendendo-se mais a uns momentos do que a outros. Livremente. A esmagadora maioria dos textos são originais, e os que não são estão devidamente assinalados.

À medida que o «ficheiro» foi crescendo, achei sensato numerar os textos pelas sequências temáticas cujo sentido lhes encontrei. Nalguns casos, pela ordem da escrita. Noutros, porque gostei de os ver juntos. Quando as datas me pareceram relevantes (ou a memória me ajudou), fixei-as no fim de cada texto. Na revisão, poupei a privacidade de muitos dos nomes envolvidos, usando apenas as suas iniciais, mesmo quando estão identificadas na dedicatória e nos agradecimentos. Nem preciso de explicar porquê.

Tudo o resto é um bloco de notas passado a computador. Se lhes parecer confuso e caótico, está certo: é mesmo confuso e caótico, desorganizado e desordenado. Como as nossas vidas, como as conversas entre amigos. E como nos disseram desde pequenos que não deviam ser.

Serviu de muito.

Afinal, quem sou eu para me escrever, aos 53 anos, sem obra maior do que dedicar mais de 30 anos a jornais, revistas, programas de rádio e televisão?

Muito pouco. Mas o suficiente para deixar que uma palavra me permita a ousadia de lembrar o que passou, o que passa, e aqui e ali o que pode vir a passar-se. Não vá o diabo tecê-las.

Não irá. Porque as palavras não passam disso mesmo — palavras.

A vida é outra coisa. E apesar de respirar palavras toda a vida, não troco a vida pelas palavras. Nem me deixo vencer por esta palavra mais.

Pedro Rolo Duarte, Novembro de 2017

PRIMEIRA

PARTE

1

O teu telefone toca, tu vês de onde vem o telefonema e sabes que não são boas notícias — se fossem, esperavam até à consulta marcada para a semana seguinte. Tu sabes que não são boas notícias, até porque tinhas tido um aviso prévio. E o olhar da A., uns dias antes, pelo FaceTime, a milhares de quilómetros de distância, não era tranquilo, como de costume. Também não era dramático. Talvez apenas suficientemente preocupado para antecipar o que não queres ouvir.

Uns dias mais tarde:

— Pedro, não são boas notícias, confirma-se: tem um tumor no pulmão. No estádio III. O estádio IV é o último.

Ouves a frase como se a tivesses já ouvido. Ou talvez a tenhas imaginado. Em sonhos? Ou nas noites que intermediaram os exames e este dia?

Segue-se um diálogo pragmático sobre passos a seguir, análises complementares, quadro diagnóstico. Ouves tudo como se fosse a notícia mais óbvia do mundo. Desligas o telefone, tinhas acabado de tomar o pequeno-almoço, e parece óbvio o que se segue: um gim tónico.

Pronto.

Foi o que se passou no dia 18 de Outubro de 2016, por acaso o dia em que o meu filho completou 21 anos.

Tento perceber a atitude, confesso-me incapaz. Por muito menos, no passado, sofri muito mais. Por quase nada, chorei como se não houvesse amanhã. E agora estou sentado no sofá da sala, gim tónico na mão, a pensar que o pior e mais difícil vai ser contar à mãe e ao meu filho (que ainda por cima está longe e vai saber desta merda pelo Skype). Nos dias seguintes, esse foi o pensamento recorrente mais doloroso. Esta má notícia que vou ter de contar. O mensageiro é sempre culpado — neste caso acumula, dado que também é vítima.

Sou capaz de rir sozinho, imaginando uma empresa de comunicação que faça esse trabalho por mim. Mas dura pouco. Tenho de contar,

da melhor forma possível, «isto que me aconteceu» (entre aspas, porque já as usei noutras ocasiões. Más).

No dia seguinte, estava no hospital a conhecer uma mulher sorridente, forte, simpática, mas com a atitude que anos e anos de jornalismo me ensinaram a distinguir: frontal. Sem medo. Olhos nos olhos.

Nessa primeira consulta, a Dra. M., em breve apenas M., pega descontraidamente numa folha branca e numa clássica *Bic* e começa a desenhar os meus pulmões, para explicar quão grave é a situação. Antes, perguntara-me se era dos que aguentavam a verdade ou preferiam não saber. Respondi que queria saber, mesmo que pudesse não aguentar a verdade. Ela olhou para mim, sorriu e tranquilizou-me:

— Aguenta, acho que aguenta.

Senti-me confortado. Ou pelo menos bem enganado. Vamos lá. E a Dra. M. começou a desenhar o que seria, previsivelmente, um final à vista. Para ser sincero, ouvi tudo como se me estivesse a falar de outra pessoa. Parecia que repentinamente tinha ganho uma distância improvável sobre o que dizia e o que, passe a redundância, me dizia respeito. Aquilo não devia ser comigo.

Será isto a maturidade? A estupidez pura de quem enterra a cabeça na areia? Ou será apenas o primeiro impacto de algo que, estou consciente, vai viver comigo daqui para a frente, sejam meses ou anos, e em breve cairei na realidade e serei, como Roger Vailland escreveu, «o homem mais infeliz do mundo»?

Sempre disse que fazia falta a fé, a religião, algo em que acreditar. Escrevi, há anos, que via a religião como um corrimão permanente, que ajuda a subir e a descer os degraus deste percurso — como também contei que, mesmo sem saber os rituais de uma prece, qualquer que seja, dei comigo, nas escassas horas que mediaram entre o meu pai entrar no hospital e receber a notícia da morte, a rezar, na cozinha de sua casa, por ele e pela sua vida. Não me lembro do que terei dito, do que terei pedido, mas, naquele momento crucial, foi o que ocorreu. Tinha 22 anos.

Agora tenho 52, em Maio terei 53. Não rezo. A cabeça não pára de pensar no mesmo assunto — mas há longos intervalos em que trabalho, falo com amigos, até faço humor sobre o assunto.

Cada vez me conheço menos. Como se os anos, e tudo o que vivi, me tornassem estranho a mim próprio e às emoções que mexem com o coração.

Ou, parece-me mais certo, como se as surpresas que a vida me foi reservando, boas e más, fossem tão fortes e dramáticas que me tivessem tornado imune ao inevitável, que é a perda — e demasiado sensível às emoções básicas, irrelevantes e simples de resolver. Choro por tudo e por nada no cinema. No outro dia, comovi-me com uma entrevistada, na rádio, que tentou descrever a emoção que sentiu com um abraço de um refugiado na Grécia.

Tornei-me lamechas na regra, e duro na excepção. Terá sido esse o segredo para aguentar a morte de um pai quando tinha 22 anos e de um irmão quando tinha 41? Como não acredito nessa ideia de «aguentar», espécie de prova de esforço idiota, nem penso na resposta a esta pergunta.

Admito que, no limite, me pus a jeito, vivendo sem prudência, sem medo, sem pensar que um pontapé numa pedra pode provocar o desabamento de uma montanha. Usei e abusei, literalmente, de uma frase a que sempre me senti ligado sem saber bem porquê: «viver como se não houvesse amanhã».

As semanas que se seguiram ao impacto inicial foram sempre piorando o quadro previamente pintado, com o suplemento «vitamínico» de contar aos próximos, à família, e de me caber o papel de os aliviar, em vez de cuidar do que a mim deveria atormentar.

A S. pergunta-me objectivamente se tenho medo de morrer. Sou incapaz de mentir e dizer que não. Claro que tenho. Mas talvez seja mais rigoroso se disser que, neste momento, o que me atrapalha o raciocínio é o medo do caminho para a morte. Não desejo o caminho, quero atitude: viver ou morrer. Sem caminho. Sem a primeira palavra que oiço no hospital quando me tiram sangue ou querem enfiar «contraste» para verem como brilha o tumor: «entrada», fazer uma entrada. Encontrar nas minhas fracas e pobres veias o ponto onde a agulha pode criar a «entrada», que também é saída. Não quero entradas nem saídas.

2016 (18 de Outubro)

2

A gravidade da situação, e do estado em que estava, remeteu-me para um livro vagamente pensado para escrever aos 60 anos. Daqui a dez, mais coisa menos coisa. Chamar-se-ia *Tudo Começou Cedo demais*

e contaria a história de um miúdo que, aos 17 anos, achou que podia deixar de estudar, porque escrevia medianamente, tinha uma voz razoável e sabia «tudo» sobre jornalismo. Esse miúdo parvo e arrogante era eu — e só um bom par de estalos que a vida lhe deu trataram de o colocar no lugar, e reduzir a arrogância à humildade essencial.

Já não vou concretizar esse livro. Mas deixo parte do que dele foi rasalhado, e um bom bocado do que seria o *Tudo Começou Cedo demais*, que imaginei escrever em frente à lareira, no Alentejo, entre castanhas assadas e o *whisky* de sempre.

Leio um texto de Miguel Sousa Tavares no *Expresso* onde ele cita o escritor espanhol Pérez-Reverte: «Esses escritores que só têm para nos contar os seus dramas pessoais e psicológicos porque não vão antes ao psiquiatra e nos deixam em paz?» Desanimo e pergunto-me se faz algum sentido deixar sair das quatro paredes do computador tudo o que vou escrevendo. Não tenho certezas. Porém, a vida é em si tão mais rica do que a ficção, que acredito que haja «dramas pessoais» a merecerem edição. Não será o meu caso, mas entre essa potencial riqueza e o que me resta de vida, dou-me ao luxo de perguntar: quanto vale o que vivo? E para quem?

E afinal quem é Pérez-Reverte para decidir o que se publica? Devo telefonar-lhe? Mando-lhe um *mail*? Por entre a nuvem que me encolhe e ensombra, consigo rir.

Gostava de ter uma «grande história» para contar. Para já, tenho esta. Se a vida me deixar, talvez ainda tenha uma outra, mais tarde. Aos 70.

Esta começou agora mesmo.

E não começou bem. Na sequência do primeiro ciclo de quimioterapia e de uma sessão única de radioterapia, um derrame na pleura e dez dias de internamento hospitalar. Diz-me a Carla que eu parecia um passarinho perdido, nem o carro sabia onde estacionara — e diz-me isso quando me vê de volta à radioterapia, no fim desta viagem pelas trevas, e abre o sorriso todo, «como gosto de o ver de novo!».

Trevas? Hospitais? Tudo estreias, aos 52 anos — 25 dos quais a dizer, por entre copos e gargalhadas, «a mim ninguém me verá num hospital: uma vez lá dentro, nunca mais de lá saímos». Pois.